

Citibank corta crédito do País em caso de moratória

REGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK — Os banqueiros internacionais prometem cortar o crédito e o acesso do Brasil aos mercados por 15 a 20 anos, em caso de uma moratória na dívida externa. A declaração foi do Presidente do Citibank, John Reed, durante o congresso sobre comércio e dívida iniciada ontem em Nova York. "O Brasil ainda não pediu dinheiro novo e não sabemos o resultado do Plano Cruzado. Mas se houver moratória, cortamos o crédito por 15 a 20 anos".

O Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, chegou a Nova York pela manhã, mas foi direto a Washington, acompanhado pelo Presidente do Banco Central, Fernão Bracher. Eles passaram o dia em conversações no FMI, no Banco Mundial e no Federal Reserve, o banco central americano, em contatos com seu Presidente, Paul Volcker. O Ministro da Fazenda procurou o apoio dos três organismos para suas futuras negociações no Clube de Paris e com os banqueiros credores, em Nova York.

O coordenador do comitê de bancos credores do Brasil, Rhodes, também teve contatos com membros da comitiva brasileira. O Citibank não confirma a reunião de Rhodes com diretores do Banco Central e com Luis Gonzaga Belluzzo, na sede do banco. Mas segundo uma fonte bancária, Rhodes foi informado sobre as modificações do Plano Cruzado e sobre planos do Governo Sarney para pedir dinheiro novo para o próximo ano.

Em Nova York, o Diretor do Banco Central, Persio Arida, representou o Brasil no primeiro dia do seminário sobre comércio e dívida externa, convocado pelo Congresso americano. Arida explicou aos presentes o Plano Cruzado e suas consequências para a economia brasileira e internacional.

— O Plano Cruzado mexeu com o Brasil e foram impostos muitos sacrifícios à população brasileira; ao mesmo tempo, não foi assegurada ao País a volta aos créditos e mercados internacionais e que medidas como as do Plano Cruzado visavam. Tem que haver um retorno, disse Arida.

O Diretor do Banco Central negou que esteja demissionário, e negou também a demissão do seu colega André Lara Resende. Arida não quis revelar em quanto está a reserva do Tesouro brasileiro, mas disse que o saído da balança comercial ficará acima de US\$ 10 bilhões este ano, o



John Reed

que será suficiente para pagar os juros aos credores internacionais.

Mas fontes da área bancária em Nova York disseram a O GLOBO que a situação do Brasil na Praça "é negra: o saldo está caindo e as condições para um acordo com os bancos têm que passar pelo FMI, o que as autoridades brasileiras não querem. Há uma crise de confiança no Governo e na política econômica do Presidente Sarney e por isso ninguém sabe exatamente o que o Ministro Funaro e o Presidente do Banco Central, Fernão Bracher, têm em mente.

Numa antecipação do que espera o Brasil em Paris, o representante para comércio da Casa Branca, Clayton Yeutter, em entrevista a O GLOBO, disse que "no caso do Brasil continuar com a mesma política na área da informática, os Estados Unidos adotarão sanções econômicas no fim do ano. Dívida e comércio são questões separadas, e a dívida é uma questão maior. Não acredito em pagamentos de juros com substituição de importações ou protecionismo", continuou Yeutter, que dia 15 se encontra com o Secretário-Geral do Itamaraty, Paulo Tarso Flexa de Lima em Paris para discutir a questão da informática.

O seminário que continua hoje com a participação do Ministro Dilson Funaro, foi aberto pelo Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, com a afirmação de que "a dívida externa não tem solução a curto prazo, nem muito menos uma solução única. Ela terá que ser encontrada para cada caso e para cada país, separadamente. O FMI é o caminho para tudo. Apenas dois países não têm acordo com o Fundo até o momento: o Brasil e o Peru". Esta foi a única menção do Brasil no discurso do Secretário do Tesouro americano.